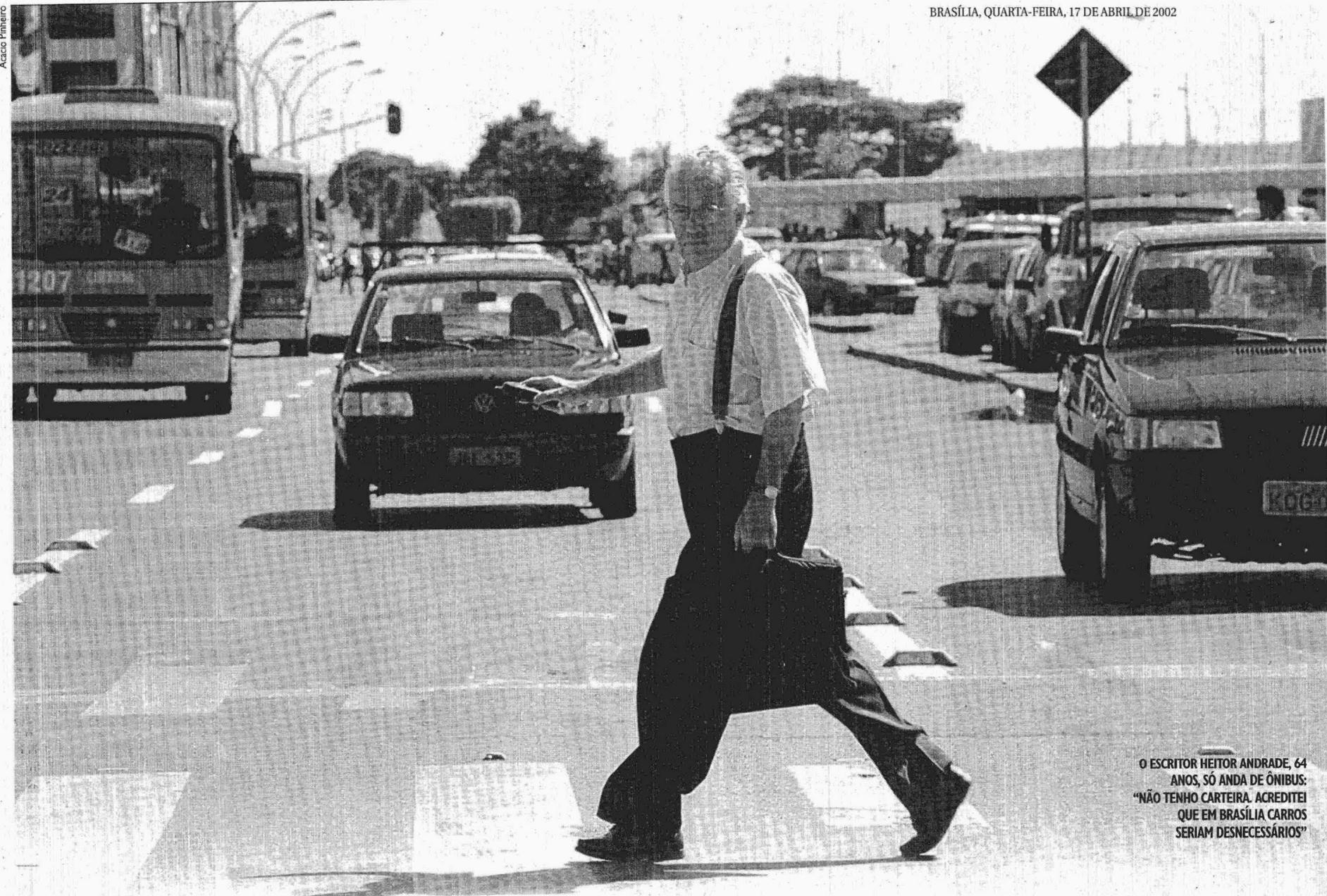


BRASÍLIA, QUARTA-FEIRA, 17 DE ABRIL DE 2002



O ESCRITOR HEITOR ANDRADE, 64 ANOS, SÓ ANDA DE ÔNIBUS: "NÃO TENHO CARTEIRA. ACREDITEI QUE EM BRASÍLIA CARROS SERIAM DESNECESSÁRIOS"

## ELE E NÓS

Pioneiros que ajudaram a construir Brasília comparam a cidade de hoje com a dos tempos da inauguração e acham que ela perdeu alguns de seus sonhos

# Olhar para trás



## HOMEM DE LETRAS

Victor Alegria, português de nascimento que chegou a Brasília em 1960, foi o principal fornecedor de cultura para a cidade nos anos 60. Transformou-se no maior editor brasileiro de livros sobre a capital e incrementou as bibliotecas locais com raridades que importava.

## CIDADE ESQUECIDA

Não existe um grande romance que tenha Brasília como cenário. "A literatura brasileira está de costas para a capital, que só é citada de forma anedótica", diz o professor da UnB e escritor Antonio Miranda.

## O BANQUETE DO PIONEIRO

O cozinheiro Rosental Alves serviu JK por várias vezes quando foi responsável pela cozinha do Brasília Palace Hotel. "Gostava dos pratos mais clássicos, como filé com batatas", diz Rosental

Luiz Alberto Weber  
Da equipe do Correio

**A**ntes da aterrissagem, o piloto da Companhia Aérea Real fez um sobrevôo panorâmico sobre a nova capital. Das janelas, enxergava-se um desenho no chão. Não era a imagem de um avião de concreto – como todos diziam. Assemelhava-se ao esqueleto de uma ave esparramado no solo seco do cerrado.

Brasília só ganhou vida depois de desenterrada pelos pioneiros. "O cenário era de total destruição", lembra a artista plástica Betty Bettiol, que desembarcou na cidade em 20 de abril de 1960, depois de alguns riantes. "Só aos poucos a capital nasceu", diz ela, que trocou São Paulo "pelo pó".

EX-CHEFE DE COZINHA DO CASSINO DA URCA, ROSENTAL VEIO PARA BRASÍLIA EM 1959



Quatro décadas se passaram desde a inauguração e gente que tirou Brasília do ponto-morto faz aqui o trajeto de volta e compara a cidade de ontem com a de hoje.

A cidade mudou, claro. No princípio, os telefones tinham quatro números. Carros, em 1961, eram só quatro mil (hoje passam de um milhão). Mas essas foram transformações externas naturais e esperadas. A maior mudança, segundo os pioneiros, ocorreu na mentalidade dos candangos.

Dono da maior coleção de livros sobre Brasília, o escritor e professor da Universidade de Brasília (UnB), Antonio Miranda, baiano de 61 anos, vasculhou três centenas de textos escritos por candangos no início dos anos 60 e extraiu deles os temas e palavras que mais se repetem.

O vocabulário da construção é recheado de utopia, liberdade, grandiosidade, encantamento, e futuro. "Os testemunhos da época contêm otimismo, deslumbramento e muito de aventura", diz Miranda. O advogado e pioneiro Pedro Mattoso, 41 anos de Brasília, coleciona cartões-postais que registram, nas mensagens, esse estado de espírito dos tempos da inauguração.

– *Estamos maravilhados com o que estamos vendo aqui.*

Esse texto foi redigido por um tal Augusto e enviado, em 25/04/1961, para Dino Bueno, morador da Alameda Boa Vista, em São Paulo. A foto que ilustrava a face do postal era do Congresso em construção. "De fato, esses são lugares-comuns daqueles primeiros anos", diz Mattoso. Fantasia também se misturava com realidade nas mensagens. Brasília era feita de sonho.

– *Cláudio, este cartão mostra para você um bairro de Brasília. Beijós, Kívia, 1959.*

O bairro a que se refere Kívia (supostamente uma vista aérea da 308 Sul) era tão-somente uma maquete. Não existia. "Nesse caso havia certeza de que a capital seria daquele jeito exposto no cartão".

Hoje, as palavras que re-

sumem a cidade, segundo Miranda, autor do livro *Brasília, Capital da Utopia* e, também, colecionador de mensagens de cartões-postais, são outras: corrupção, invasão, engarrafamento.

A mudança de linguagem teria se refletido até na aparência da cidade. "Brasília perdeu sua beleza, sua criatividade, o belo deu lugar ao feio", diz o arquiteto Raimundo Roberto, que chegou à capital em 1959. Trabalhou como topógrafo e, embalado pelo projeto de Oscar Niemeyer, acreditou que a arquitetura seria a mais importante expressão artística da capital.

Autor dos projetos da LBV e de vários prédios públicos (que seguem a linha de Niemeyer, como o Tribunal de Contas do DF), Roberto acha que a capital perdeu um de seus motores – o impulso criativo. "Ninguém mais se preocupa em perpetuar nas novas obras o espírito que guiou os primeiros construtores." O alvo do arquiteto são os hotéis e flats do Setor Hoteleiro.

Todos os dias, Heitor Andrade, 64 anos, exercita sua utopia. Ele acreditou num sonho comum aos pioneiros de que em Brasília carros seriam desnecessários. Tudo estaria muito perto, nas entrequadras. Nunca tirou carteira de motorista e foi pego de surpresa pelo crescimento da cidade, que se espalhou pelos Lagos Sul e Norte, Cruzeiro, Sudoeste.

"Virei passageiro profissional de ônibus e metrô", diz Heitor, ex-livreiro que virou escritor. Para ele, os automóveis desorganizaram a cidade, destruíram Brasília. "Os carros exigem a construção de garagens, de estacionamentos públicos encravados no Plano, a cidade fica asfixiada", reclama ele, que mora na SQS 413 e hoje se sente ilhado no Plano.

Uma capital só merece de fato esse título – dizia o filósofo checo Vilém Flusser (que passou por Brasília nos anos 60) – quando nela batem a vida política, econômica e cultural. Antes disso, é um aglomerado de concreto, uma escultura.

Foram os pioneiros – e não o decreto de JK criando a nova capital – que colocaram Brasília no mapa do país. "Nos anos 60, montamos esse tripé", lembra Heitor, que morou dentro de uma livraria instalada no Hotel Nacional.

Mas o vocabulário do ano 2002 não é pessimista, na visão dos pioneiros que povoaram o sonho de JK. "Os melhores tempos são os atuais", diz o professor Antonio Miranda, parafraseando a poetisa Cora Coralina. "A cidade mudou e tinha que ser assim. Ultrapassamos uma etapa e todo o discurso da construção não se justifica mais", acredita Pedro Mattoso.